

## Registro de ocorrência de vetores de esquistosomose

Diante destas circunstâncias, o pequeno açude de Flocos, no município de Tuparetama, com uma superfície aproximada de 4ha e 3m de profundidade máxima não chegava a medir mais que 2.500m<sup>2</sup> e 0,60m no mês de novembro de 1998. Nesta ocasião, foram encontrados numerosos moluscos neste açude, numa densidade da ordem de 30/m<sup>2</sup>, a maioria fixada a plantas macrófitas do gênero *Elodea*. Esta angiosperma é encontrada em ambientes lacustres pouco turbidos e a pouca profundidade. O açude secou completamente no mês de dezembro, voltando a receber um pouco de águas pluviais em março de 1999. Por esta época, os moluscos foram novamente observados, desta vez mais ao fundo do açude e menos fixados nas *Elodea* que estavam no início de seu crescimento. O exame da concha e do aparelho genital destes moluscos permitiu sua identificação como pertencentes à espécie *B. straminea*.

Este açude é peculiar nesta região, sendo o mais antigo. Em cerca de um século de existência raramente chegou a secar (somente três vezes nos últimos vinte anos). Seu abastecimento se dá a partir de uma bacia hidrográfica que é capaz de fornecer grande quantidade de água de acordo com o volume do açude o que permite seu sangramento freqüente. A salinidade das águas que chegam é muito fraca (condutividade elétrica perto de 100µS/cm). Os sangramentos impedem o risco de salinização que é freqüente nesta região. Mesmo em 1998, apesar da falta de chuvas e sangramentos, Flocos apresentou uma condutividade de apenas 211µS/cm (em agosto) e 350 em novembro. Neste açude, a concentração de clorofila (índice de biomassa de alga) é fraca, perto de 4µg/l, um valor bem menor do que o observado em reservatórios da região

(média de 63 µg/l). O pH é perto da neutralidade (valor de 7,2 na superfície) enquanto o pH médio na região é de 8,15. Assim, as características físico-químicas da água de Flocos parecem sensivelmente diferentes daquelas de outros reservatórios. Estas condições ambientais (presença de macrófitas, a fraca condutividade da água e a neutralidade do pH) parecem satisfazer as exigências ecológicas de *B. straminea*.

O açude de Flocos é um reservatório privado, cercado de arame farpado, onde as pessoas não costumam se banhar. Os únicos que raramente entram na água são dois trabalhadores locais, para a manutenção de uma bomba de sucção ou para a repicagem do capim. Não foram observados sinais de defecação humana nos arredores do açude. Duas famílias habitam nas proximidades, em casas de alvenaria que possuem sanitários com fossas fechadas. No exame parasitológico de fezes destas famílias não foram detectados ovos de *Schistosoma mansoni* ou de outros helmintos intestinais.

A simples observação de moluscos hospedeiros de *S. mansoni* no Sertão de Pernambuco não se constitui um fato inquietante por si só. Contudo, os raros registros de ocorrência destes moluscos nas partes áridas do Nordeste significam um alerta de que esta situação não é imutável. Os moluscos podem proliferar em biótipos favoráveis criados pelos homens e, com a crescente multiplicação destes açudes, existe o risco da introdução da esquistossomose no Sertão, que merece sempre ser levado em consideração. Não se justifica, entretanto, uma interrupção das atividades de implementação de obras para manter as águas de superfície, essenciais para o desenvolvimento da região.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Barbosa CS, Gonçalves F, Albuquerque Y, Barbosa FS. Urban schistosomiasis in Itamaracá Island, Pernambuco, Brazil: epidemiological factors involved in the recent endemic process. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 93:265-266, 1998.
2. Barbosa CS, Silva CB. Epidemiologia da esquistossomose mansônica no Engenho Bela Rosa, município de São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 8:83-87, 1992.
3. Coutinho A, Silva M, Gonçalves F. Estudo epidemiológico da esquistossomose mansônica em áreas de irrigação do nordeste brasileiro. Cadernos de Saúde Pública 8:302-310, 1992.
4. Pellon AB, Teixeira I. Distribuição geográfica da esquistossomose mansônica no Brasil. Ministério de Educação e Saúde. Trabalho da Divisão de Organização Sanitária, Rio de Janeiro, 1950.